

Por Alves Silva

LAVRADORES DE ALFORNELAS EM POLVEROSA

Alfornelas (como então era designado este sítio) em 1267 pertencia a Fernão Martins, doado por este homem ao Mosteiro de Santos-o-Novo, em Janeiro desse ano.

Alfornelas já era conhecido no tempo dos mouros, dos quais deriva o nome, significando antigos fornos onde se cozia o calcário e cerâmica muito abundantes nesta zona do actual concelho da Amadora. Outros conventos, como o de Chelas e de São Vicente de Fora, também possuíam terras na localidade.

Esteve sempre muito dividido em herdades e vários quinhões, nesta altura, no século XIV, a área envolvente ocupava as actuais freguesias da Brandoa e de Alfornelas, com grandes explorações agrícolas, com estábulo, lagares, hortas de muita importância para o abastecimento regular de Lisboa.

Através dos tempos, os mosteiros foram dando as terras de arrendamento a troco de alguns soldos, pares de bons capões, ou então em libras de dinheiro português. Outras vezes ficavam os lavradores obrigados a dar todo o fruto colhido para os mosteiros, ficando sem nada do que o campo dava, depois de o terem agricultado. Revoltados recorreram para o tribunal contra as arbitrariedades dos mosteiros, neste caso de Santos-o-Novo e o do Salvador de Lisboa, quando este último retinha praticamente todos os frutos produzidos no campo e os lavradores, que tinham agricultados as terras, ficavam sem nada. O dízimo pago era total. Vejamos, então, um pouco de história antiga da actual freguesia.

ALFORNELAS NO SÉCULO XIV

Um documento, do século XIV, indica-nos a "compra e venda de uma vinha, pelo preço de 110 libras de Portugal".

Foi comprador Pais Anes e sua mulher Maria Martins e vendedor Domingos Ishanes e sua mulher Maria Anes. A escritura data de 28.11.1306.

Em 22.06.1337, foram aforadas algumas herdades de Guilherme Fysico no mesmo lugar de Alfornelas.

Numa outra, de 24.09.1343, diz-se: "Arrendamento por 4 anos de todos os bens que o Mosteiro de São Vicente recebeu por morte de Catarina Pais, situados em Santo Antoninho, Alfornelas, ... nos termos da cidade de Lisboa".

O arrendatário foi Afonso Pais, com a renda de 12 libras em dinheiro português pagas anualmente.

Em 01.06.1352, foi feito um "emprazamento em três vidas, de uma vinha, em Alfornelas (Alfornelas), chamada dos Carunchos, pela renda anual da quarta parte de todo o fruto que Deus der, e de foro de 20 soldos e um par de bons capões e ainda oito libras em dinheiro português, no dia de São Martinho".

Apresentou-se como senhorio o mosteiro de São Vicente e recebeu o domínio da vinha João Anes Carregueiro e sua mulher Maria Domingues e um filho de ambos que o primeiro nomeou.

Também, em 24.02.1361, foi feito outro "emprazamento, em três vidas, de herdades em Alfornelas, pela renda anual de 14 libras de dinheiro português e a dízima de todo o fruto para a capela de São Vicente".

Recebeu o domínio das herdades, doadas pelo mosteiro de São Vicente, Martim Mealha, sua mulher Constância Afonso e seu filho Diogo.

Para além do Mosteiro de São Vicente de Fora, no século XIV possuía aqui terras o Mosteiro de Santos-o-Novo de Lisboa, como o mostram variadíssimos documentos desta época.

A Quinta de Alfornelas era uma zona de boa agricultura, mas nem toda era aproveitada para o efeito, dado existir bastante espaço com mato, motivo por que todos os anos era ali realizada a festa das ervas, em 19 de Junho, à qual já nos referimos com mais pormenor noutra altura. Mais tarde, a quinta ficou dividida em Casal de Alfornelas, cuja designação já vinha de tempos remotos, Caminho de Alfornelas e Azinhaga dos Besouros, esta ainda mais recente.

ALFORNELAS NO SÉCULO XV

Uma notícia do ano de 1402 é particularmente interessante:

Em 28.08.1402, os lavradores de Alfornelas fazem-se representar em tribunal por não concordarem com as dízimas que lhes foram impostas acerca de uma quinta existente neste lugar.

Por consequência disso corre uma demanda, em 20.06.1406, entre os Mosteiros de Santos-o-Novo e o do Salvador, tendo o tribunal resolvido entregar as dízimas ao Mosteiro de Santos-o-Novo.

Uma outra escritura de 1410, autoriza o Hospital de Santo Eloy a trocar o Casal do Louro com o mosteiro de Chelas pelas vinhas de Alfornelas.

O desenvolvimento de Alfornelas, a que nunca estiveram alheias as Ordens Religiosas, era já notório no século XV, com boas quintas, extensos pomares, altura em que começaram as migrações para os lugares de Benfca de Cima, como antigamente era designada toda a região da Amadora, em especial da burguesia e até nobres que viriam a promover, mais tarde, as antigas casas de campo a moradias fixas. Não é de estranhar, por isso, que os grandes proprietários eclesíasticos fossem diversos, pois a Amadora de então, com Benfca, oferecia dimensão suficiente e boas terras de cultivo, daí serem disputadas, por vezes com o tribunal a decidir, como aconteceu em Alfornelas, palmo a palmo, a posse dos vários casais e a cobrança das dízimas nos mesmos.

Nos campos trabalhavam homens aptos, os saloios, mulheres fortes, com uma certa vocação para o negócio, e bastante teimosos nos sentimentos, como a demanda acima referida comprova e originou o conflito entre os dois mosteiros.

ALFORNELAS NO SÉCULO XVI

Em 1575, é feito um emprazamento pelo mosteiro de Chelas a Luís António de Azevedo, filho do advogado Manuel de Azevedo Pais... da Quinta do Louro, em Alfornelas, junto a Benfca, que lhe nomeou Maria Brandoa, em 2.ª vida, herdada da primeira, o Dr. Jerónimo Vaz Brandão.

Este século corresponde a um período de expansão deste velho aglomerado, com acessos directos, desde a Pontinha, sendo o seu principal eixo a actual Estrada da Correia. Para além dos pequenos proprietários e rendeiros particulares, eram donatários de algumas propriedades de Alfornelas, praticamente desde a nacionalidade, reis e vários mosteiros.

O primeiro povoamento sistemático teria sido feito ao longo da Estrada da Correia, havia também quintas de nobres, para onde vinham os proprietários quando epidemias e outros cataclismos naturais atingiam Lisboa. Os ares, considerados muito saudáveis, originaram a vinda para Alfornelas de fidalgos para convelescerem das campanhas militares levadas a efeito no Norte de África.

Os terramotos originaram a fixação, não obstante temporária, de algumas famílias, até que as suas residências em Lisboa fossem reconstruídas, daí começarem a aparecer nesta época simples casas de campo, ampliadas ou renovadas nos séculos seguintes.

As quintas e os casais aqui existentes trouxeram um outro desenvolvimento económico e social, sendo os seus moradores serviços dos conventos e trabalhadores agrícolas.



Lavradores de Alfornelas em polverosa. Não seriam bem estes, mas as fisionomias andariam perto dos de então.